

A literatura pós-Auschwitz ou Tradução, paratextos e recepção da série

***Ibéro-Américaine* (UNESCO, 1952-...)**

André FURTADO²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

andre.furtado@unifesspa.edu.br

Brasil

Resumo: Esta comunicação objetiva apresentar o papel desempenhado por agentes e instituições na emergência de um *corpus* de textos e escritor(a)s apontado(a)s como referências no âmbito literário, devido à análise de suas qualidades como dotadas de valores estéticos e humanísticos, que viriam a integrar a coleção d’*Œuvres Représentatives* (1952-...) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Tal empreendimento editorial correspondeu a um grande projeto de tradução e surgiu como um dos desdobramentos das políticas do organismo supracitado, cuja meta consistia em difundir ao máximo as expressões literárias, filosóficas e científicas das sociedades, em prol da mútua compreensão entre os povos, no cenário do pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Entre outras estratégias, seus idealizadores acreditavam na possibilidade de utilizar os livros como vetores da paz, unindo os Estados membros da instituição e vedando os que desrespeitassem seus princípios norteadores e ideais. Excluíam-se, portanto, todas as narrativas que veiculassem discursos de ódio, incitassem crimes e violências ou que fizessem apologia ao racismo. Nos limites do presente trabalho, porém, interessa a história da recepção internacional dos títulos da série *Ibéro-Américaine* – então traduzidos, sobretudo, dos idiomas português e espanhol para o francês e o inglês –, que foram incluídos no panteão das letras apaziguadoras em potencial. Para tanto, pretendo analisar alguns de seus paratextos editoriais que foram assinados por intelectuais de prestígio à época.

¹ Este capítulo representa os resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado “Babel traduzida: a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sua coleção d’*Œuvres Représentatives* e a gênese de um cânone literário universal”. Trata-se de um estudo no qual eu era pesquisador vinculado ao Instituto de História (IHT) da Universidade Federal Fluminense (UFF) na condição de bolsista do prêmio “Pós-Doutorado Nota 10 / PDR-10”, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), sob a supervisão da professora Dra. Giselle Martins Venancio. Uma versão inicial do presente texto foi assim publicada: FURTADO, André. Credo ut Intelligam: os escritores Ibero-Americanos nas vitrines do Greenwich literário pós-1945. In: VENANCIO, Giselle Martins; TAVARES, Mariana Rodrigues; GONÇALVES, Roberta Ferreira (orgs.). *Tessituras históricas*. Curitiba: Appris, 2020, p. 157-182.

² Graduado em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Mestre e Doutor nesta área pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), com estágio na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS / Paris). A tese que defendeu em 2018, intitulada *Das fortunas críticas e apropriações* ou *Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado*, recebeu três prêmios, um deles internacional. Atualmente é Professor da Graduação e do Mestrado em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), onde lidera o Centro de Estudos em Teorias da História e Historiografias (CETHAS).

Palavras-chave: UNESCO, *Ibéro-Américaine*, Tradução, Recepção.

N

o conjunto de várias metáforas bourdieusianas acerca dos circuitos transnacionais das ideias, uma delas aponta que as profecias mais duradouras são polissêmicas, pois toda legitimidade no mundo letrado funciona, entre outros intervenientes, à base de crença. Em sua própria imaterialidade, esta convicção profunda exerce efeitos objetivamente mensuráveis quando se observa aqueles que se encontram no *campo* intelectual em disputa e, em particular, sobre os que nele se acham em posições desvantajosas (Bourdieu, 2004). Partindo dessas premissas, o capítulo proposto objetiva apresentar o papel desempenhado por agentes e instituições na emergência de um *corpus* de textos e

escritore(a)s apontado(a)s como referências, devido à análise de suas qualidades como dotadas de valores estéticos e humanísticos, que integrariam a futura coleção d' *Œuvres Représentatives* (1952-...) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Antes do surgimento desse organismo para a cooperação internacional, porém, sabe-se que a Segunda Guerra (1939-1945) foi precedida não apenas pela ascensão do Nazismo, mas, sobretudo, por ações que se concentraram em uma triagem da criação cultural por este regime autoritário que devassou bibliotecas e museus, públicas e/ou privadas, chegando mesmo a destruir parte considerável de acervos então considerados ideologicamente reprováveis, impuros e degenerados. Em certas ocasiões representavam seus gestos censores de forma verdadeiramente cinematográfica, conforme ocorreu na cerimônia conhecida como a *Grande queima de livros* do ano de 1933, filmada pelos órgãos de propaganda do partido (Manning, 2015).

Iniciados os combates, as forças alemãs lideradas por Adolf Hitler logo deixaram nítidos os seus objetivos: destruir seus inimigos material e espiritualmente. Por isso, muitas vezes antecipando suas presenças físicas em territórios desejados, com agentes infiltrados ou fechando acordos com cidadãos locais, difundiram o ideário do Terceiro Reich, sobretudo nos meios de comunicação, tentando criar um clima receptivo favorável ou não resistente aos seus avanços sobre as fronteiras vizinhas. Essa é a razão pela qual os especialistas chamam os eventos de 1939 a 1945 como *Guerra total* (Lowe, 2017).

Daí também os esforços dos países Aliados, mais tarde liderados pelos Estados Unidos da América (EUA), que iniciam movimentos como a *National Defense Book Campaign* (NDBC) ou, depois, a *Victory Book Campaign* (VBC), para arrecadar materiais destinados à leitura que pudessem circular nos teatros de operações europeus, africanos e asiáticos, deixando seus soldados ocupados justamente com os valores que se achavam sob ataque germânico. Foi a partir desse cenário que se desenvolveram, por exemplo, os livros de bolso, mais leves e transportáveis de um *front* e outro, impressos pela *Armed Services Editions*, fundada no decurso do conflito e cujo intuito buscava legar um catálogo que combatesse o chamado *bibliocausto* (Manning, 2015).

Com efeito, nos limites do presente estudo, buscarei discutir os aspectos gerais da cena emergente no pós-Segunda Guerra que levou à criação da mencionada UNESCO;

aprofundarei, na sequência, os principais critérios do projeto d'*Œuvres Représentatives* e seus esforços para difundir o patrimônio da humanidade procedendo à tradução das literaturas advindas das mais variadas regiões do planeta; e darei o exemplo de um dos títulos inseridos no empreendimento editorial e, em particular, na série *Ibéro-Américaine*.

É sabido que a tecnologia utilizada na Segunda Guerra Mundial – como o uso inédito de bombas atômicas – ceifou aproximadamente 50 milhões de vidas, deixando marcas físicas e/ou genéticas entre os sobreviventes, muitos deles estigmatizados por corpos mutilados, então peregrinos e sem abrigos. Tudo havia ruído e o caos, moral e material, prosseguia. Ao mobilizar todos os setores produtivos e uma vasta parcela de recursos naturais, o evento desestruturou territórios inteiros que eram sufocados por fluxos migratórios e falta de abastecimentos diante das vias de comunicação reduzidas a pó. No século mais assassino da História que se tem registro, cerca de 66% dos mortos eram civis. Estima-se ainda que, após a rendição alemã, em maio de 1945, 40,5 milhões de pessoas se deslocavam forçadamente pela Europa destruída (Hobsbawm, 1995).

Juntou-se a este quadro a fome generalizada, a proliferação de doenças e os mercados clandestinos para a venda de comidas e medicamentos. A quantidade sem precedentes de órfãos completava o trágico cenário. Era preciso reerguer as sociedades e seus legados. Não por outros motivos, ao mesmo tempo em que se reconstruíam os sistemas logísticos, de segurança e ordem pública, fez-se necessário recuperar as heranças históricas, artísticas e intelectuais em suas variadas manifestações. Sem essas riquezas e suas salvaguardas, pouco voltaria a ter sentido.

Foi refletindo sobre tais questões que teve início a UNESCO ao ser discutida na Conferência de Ministros da Educação Aliados (CAME), reunidos em Londres, na Inglaterra, ainda no transcorrer do confronto bélico. Ao término das hostilidades se definiram as inúmeras atividades e metas do órgão transnacional. Entre os propósitos em pauta se pode listar a facilitação dos encontros de nomes representativos das áreas educacionais e da cultura de todos os países em paz; o fomento ao livre trânsito de ideias e informações, fazendo-as chegar, por exemplo, em escolas, universidades, estabelecimentos de pesquisa ou meios de comunicação disponíveis; a criação de mecanismos para usufruir das conquistas e legados, avaliando seus usos pelas sociedades; o estímulo aos estudos e à reflexão dos problemas vigentes para o desafio

de pacificar o mundo, ao fazer convergir o progresso científico e o bem-estar humano etc. (“Actes de la Conférence Générale. Première Session” – Paris, 1946. *Archives de l’UNESCO*).

A partir de sua fundação, os 20 primeiros Estados que assinaram a Ata para criar a UNESCO foram: Reino Unido, Nova Zelândia, Arábia Saudita, União Sul-Africana, Austrália, Índia, Egito, México, Tchecoslováquia, República Dominicana, França, Turquia, Noruega, Canadá, China, Dinamarca, Estados Unidos, Brasil, Líbano e Grécia.

Como sede foi escolhida a cidade de Paris – capital que saiu quase intacta do conflito armado –, responsável por acolher oficialmente a organização em cerimônia realizada no dia 9 de novembro de 1946 na Sorbonne e com a Primeira Conferência Geral ocorrida na sequência, entre 20 de novembro e 10 de dezembro, na qual os 20 países supracitados marcaram presença. Desse modo, quanto às atuações em seu ano de abertura e planejamento para o seguinte, o grande projeto da UNESCO respeitava ao estudo sobre o *status* das *Tensões e Compreensões Internacionais*. Neste sentido, para integrar vários domínios, as áreas de Filosofia, Humanidades, Artes e Letras se encarregaram de elaborar um questionário para enviar a intelectuais de renome em todo o mundo. O intuito consistia em mensurar os elementos que cada sociedade dispunha para viabilizar o entendimento entre os povos. Depois seriam verificadas as respostas no tocante às suas articulações aos aspectos culturais, em geral, e históricos, em particular, inclusive pelo viés comparativo (Furtado, 2018). Isso correspondia a avaliar as ideias que os conjuntos sociais tinham de si, as técnicas aplicadas ao ensino formal, a política e a psicologia para transformar as *mentalidades* talvez predispostas a um nacionalismo agressivo (“Resolutions de la Conférence Générale. Deuxième Session” – México, 1947. *Archives de l’UNESCO*).

É nesse momento de fins da década que se cristalizou a ideia da coleção depois intitulada d’*Œuvres Représentatives* (1952-...) para reunir, num só plano editorial, os cânones literário, filosófico e científico dos países que compunham o organismo. No caso da Literatura, pensava-se em construir um panteão que auxiliaria as sociedades a se compreenderem mutuamente e ajudaria a promover a paz mundial através da expressão artística lida como altamente qualificada e humanística, a despeito dos primeiros embates.

A começar pela denominação do projeto que, em sua origem, consta – de acordo com os documentos pesquisados – como sendo *Traduction des Classiques Mondiaux*. Isso porque, em 14 de dezembro de 1946, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) havia reconhecido que os fundamentos da paz se achavam nos corações e nos espíritos dos homens, muito embora compreendesse que suas experiências mais nobres não estavam bem difundidas entre as sociedades. Daí porque conviria adotar a proposição responsável por levar adiante o plano de traduzir para as línguas de maior circulação os livros considerados clássicos – e, portanto, atemporais, legítimos universalmente – do mundo inteiro. Tal resolução, uma vez votada e aceita de forma unânime, foi enviada ao Conselho Econômico e Social da UNESCO. Esta última, na condição de agência da ONU que protege o patrimônio cultural da humanidade, acolheu a proposta em março de 1947, considerando-a basilar à cooperação internacional e decidindo por apresentar um relatório sobre o tema até junho de 1948 (“Traduction des Classiques Mondiaux. PHIL / 7”. Paris, 1er juillet 1947: 1. *Archives de l’UNESCO*).

O plano já havia integrado a pauta da Conferência Geral da UNESCO, quando do seu primeiro encontro, em Paris, entre novembro e dezembro de 1946, que reconhecera a necessidade de realizar traduções das obras consideradas mais importantes de cada país. Entretanto, o nome utilizado à época foi *La Traduction des Classiques* (Klengel, 2018).

O procedimento adotado inicialmente para mapear os títulos ocorreu através do envio de um formulário aos governos dos Estados membros que precisavam devolver suas respectivas listas com as referências selecionadas, atentar para os livros já traduzidos em diferentes idiomas e privilegiar os desprovidos dessa condição editorial, orientando seus representantes e/ou funcionários a seguir os seguintes critérios: 1) considerar como clássica toda a obra, de qualquer domínio, que fosse qualificada como suficientemente expressiva de uma cultura ou de uma nação e mantivesse certo *status* de monumento na história do gênio humano e de sua evolução civilizacional; 2) apresentasse características válidas a outros povos, ainda que veiculasse particularidades; 3) as escolhas deveriam dar preferência a livros passíveis de serem destinados a um público amplo e não dirigido apenas a especialistas; 4) era necessário observar os títulos resistentes à prova do tempo e que preservassem suas

exemplaridades em diferentes gerações; & 5) priorizar as obras que fomentassem a mútua compreensão entre as sociedades, alimentando sentimentos de bens comuns e respeito às singularidades nacionais. Neste ponto, vale frisar o documento que enfatizou que não se poderia negligenciar os clássicos alemães, carecendo, para tanto, negociar com as autoridades da ocupação do país (“Traduction des Classiques Mondiaux. PHIL / 7”. Paris, 1er juillet 1947: 3. *Archives de l’UNESCO*). Ou seja: mesmo nos âmbitos literários, filosóficos e científicos, as escolhas não se davam ao largo das novas configurações geopolíticas diante dos países derrotados no conflito bélico.

Por outro lado, também não ficariam isentas desses constrangimentos sequer as nações aliadas e vitoriosas da Segunda Guerra. Afinal de contas, além de adotarem certo entendimento das obras clássicas cuja definição tendia a considerar quase que exclusivamente as referências à cultura ocidental greco-romana e seus legados entre os povos europeus – porque herdeiros mais antigos desse lastro –, frente aos problemas vigentes à época com relação aos direitos autorais, propuseram ainda o ano de 1900 como o limite temporal para o ingresso de títulos no panteão dos consagrados. Após esse marco, entre 1901 e 1939, viriam as referências que ainda não eram clássicas, porém, célebres, classificadas como grandes obras modernas; e, a partir de 1940, compreenderiam os títulos como obras contemporâneas muito importantes (“Plan de Traductions – Questionnaire. PHS / 5”. Paris, le 5 juillet 1948: 1. *Archives de l’UNESCO*).

Com isso, eram os escritores da antiga Rússia e as reflexões revolucionárias de 1905 e 1917, por exemplo, que se excluía dos clássicos. Tal cronologia, entretanto, não afetava apenas os títulos difundidos *na e pela* União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Também as regiões pós-coloniais, como os países da América Latina, ou da Oceania, como a Austrália, seriam barradas nesse lugar de prestígio intelectual relativo às belas-letas. Até porque, junto ao oitocentos, as primeiras décadas do século XX eram/são consideradas por essas sociedades como o período de enorme pujança de suas literaturas e, às vezes, o de seu próprio florescimento. Argumentavam que nele surgiram muitos livros apontados como legítimos clássicos nas diferentes quadras domésticas, de grandes repercussões porque representantes autênticos de suas culturas e valorosos universalmente do ponto de vista estético (Klengel, 2018).

Prosseguiram assim os debates, de modo que esse posicionamento das jovens nações colocava em xeque os planos de tradução da UNESCO quanto à temporalidade dos clássicos, ao mobilizar os próprios termos do questionário enviado aos Estados membros. O documento propunha a elaboração de uma lista dos cânones através de títulos que unissem aspectos universalistas, ou seja: marcados por elementos compreensíveis em todo o mundo; e particularistas, para exemplificar os gênios nacionais. Ora, tratava-se da exata argumentação usada por integrantes de delegações sobretudo não-europeias.

Contudo, os problemas enfrentados à época, o difícil equilíbrio e os cuidados que o órgão precisava tomar não paravam aí. Tanto que se solicitava uma ordem de prioridades da centena de obras a serem traduzidas ou retraduzidas. Aplicava-se isso também aos idiomas de maior carência e salientavam o que então se entendia por países. Estes não se limitavam, nos termos da documentação, só aos Estados já determinados, mas abarcavam, inclusive, grupos étnicos, linguísticos e culturais específicos (“Plan de Traductions – Questionnaire. PHS / 5”. Paris, le 5 juillet 1948: 1-2. *Archives de l’UNESCO*).

Neste sentido, quando o mexicano Jaime Torres Bodet (1902-1974) foi eleito Diretor da UNESCO durante a Terceira Conferência Geral, realizada no ano de 1948 em Beirut, no Líbano, o projeto começou a transcorrer nos termos supracitados, de modo a espriar, portanto, a rigidez das fronteiras políticas das nações (“Actes de la Conférence Générale. Troisième Session” – Beirute, 1948. *Archives de l’UNESCO*). Logo, o primeiro subgrupo considerado foi o que se referia às traduções de livros em árabe para idiomas de maior circulação e vice-versa, que uma comissão elaboraria junto ao governo libanês. A partir de 1949, aplicou-se tal entendimento às literaturas da América Latina, para editá-las em francês, sendo que a Organização dos Estados Americanos (OEA) se encarregaria de fazer o mesmo com os títulos selecionados, mas passando-os ao inglês, em uma coleção paralela (“Programme de Traduction de l’UNESCO – A – Collection d’Œuvres Représentatives. ALT / 865”. Paris, le 1er juillet 1956: 1. *Archives de l’UNESCO*).

Em meados da década, no ano de 1956, os esforços se voltaram para uma série de antologias do continente africano, quando também se concedeu espaço às produções intelectuais da URSS que só tinham ingressado no organismo internacional havia cerca

de dois anos, entre outros exemplos. A esta altura dos debates, convém destacar que os documentos dos *Archives d'UNESCO* já tinham consolidado a expressão *Œuvres Représentatives* para denominar a coleção, mantendo-a presente desde as primeiras publicações, em 1952. Abandonava-se, assim, tanto as chamadas anteriores que traziam a palavra *classiques* em uma conotação quase restrita ao mundo europeu, quanto os termos *grandes livros*, *obras mestras* entre outros, pois o único critério então acordado entre as delegações se referia à tradução de escritore(a)s morto(a)s (“Programme de Traduction de l’UNESCO – A – Collection d’Œuvres Représentatives. ALT / 1474”. Paris, le 30 juillet 1959: 2-3. *Archives de l’UNESCO*).

De acordo com os aspectos ora explicitados, pode-se dizer, em síntese, que o empreendimento visava encorajar a tradução, a publicação e a difusão das obras oriundas dos domínios literário – ênfase do presente estudo –, mas também filosófico e científico de intelectuais advindos da maior quantidade possível de Estados membros, em línguas como a francesa, a inglesa e espanhola, consideradas veiculares à época – e que ainda são, porém, somadas hoje ao mandarim a cada dia mais incluído entre as competências dos políglotas (“Comité d’Experts sur la Traduction des Grandes Œuvres – Rapport Complémentaire sur les Traductions. PHS / Conf. 1 / 2”. Paris, 12 mai 1948: 2. *Archives de l’UNESCO*). A centralidade desses idiomas não se dava apenas por fatores de ordem político-econômica. Justificava-se, igualmente, por conta da quantidade de falantes e, sobretudo, no pós-guerra, em face da urgência em esfriar os ânimos nacionalistas. Daí também a escolha de novas línguas, como a alemã, a russa, a japonesa, embora num primeiro momento em menor escala se comparadas aos esforços e à facilidade de se encontrar tradutores para os três idiomas iniciais.

Para integrar o catálogo da Literatura era preciso que os textos fossem considerados significativos do ponto de vista cultural, mesmo que pouco ou totalmente desconhecidos no interior de suas fronteiras nacionais ou no âmbito linguístico de origem. A indicação de candidato(a)s poderia vir de diferentes vozes, tais como: 1) a recomendação dos países ou de suas comissões talvez criadas para este fim e/ou que desempenhavam tarefas em setores artísticos ou educacionais dos governos; 2) por resoluções da UNESCO, em tomadas de decisões nas Conferências Gerais; 3) através de enquetes universitárias / de centros de pesquisas; ou 4) via editoras, tradutore(a)s, *experts*, críticos, especialistas etc.

Na etapa seguinte a exigência consistia em avaliar o perfil de cada indicado(a), mediante a formação de dossiês para analisar os aspectos de sua vida e obra, com ênfase no livro a ser traduzido. O critério basilar era relativo à notória representatividade do escrito, observando o prisma da originalidade e dos valores estético-literários, aos quais se juntava a importância como essência do caráter de sua comunidade ou civilização, além, é claro, de atender aos princípios e ideais norteadores da UNESCO quanto ao respeito às diversas sociedades, não sendo permitido que incitassem quaisquer formas de violências ou expressassem o racismo (“Collection UNESCO d’Œuvres Représentatives”. Paris, 1994. *Archives de l’UNESCO*).

Após iniciar o debate da coleção, em 1948, ficaram mais nítidos os seus esforços para legar ao mundo um vasto mosaico em gêneros narrativos e épocas dos escritos / publicações. O conjunto de impressos passaria a integrar um *corpus* visto como célebre do patrimônio literário universal ao mesmo tempo que se destacava pela exemplaridade de sua cultura de origem. Assim, os critérios de seleção ajudariam a reunir a biblioteca das bibliotecas cujas qualidades favoreceriam, no entendimento em voga, a promoção da tolerância e da paz, pois dariam a conhecer a riqueza das heranças de cada sociedade.

Por esse motivo, era necessário atentar ao aspecto do equilíbrio geográfico e linguístico para distribuir quantitativamente o(a)s eleito(a)s. Também no tocante à desigual circulação de obras ficou acertado que uma das metas seria direcionada a privilegiar idiomas então minoritários e/ou historicamente retardatários no domínio da publicação, oficial ou particular, e do mercado editorial como um todo (a exemplo das traduções de livros em polonês para o espanhol). Aliás, reside aí uma parte das justificativas que, nos anos 1950, levou a UNESCO a se empenhar em traduzir títulos árabes, persas, italianos e latino-americanos – já relativamente conhecidos e/ou contemporâneos em suas respectivas literaturas –, com a ideia de veicula-los na tentativa de diluir as rígidas fronteiras entre as noções de Ocidente e Oriente, dando vazão aos argumentos dos países jovens, antes mencionados. Estes, vale lembrar, versaram sobre o questionamento do estatuto de clássico que o Velho Mundo buscou mobilizar na escolha dos títulos ao se basear em uma noção de matriz greco-romana e no fator antiguidade.

No caso de uma das últimas unidades anunciadas, a América Latina, elaborou-se uma lista das principais referências letradas dos países que tinham sido ex-colônias

européias, sobretudo as de Portugal e da Espanha a partir dos séculos XV-XVI, e cujas independências foram atingidas majoritariamente durante o oitocentos. Para esse conjunto de textos criou-se a série intitulada *Ibéro-Américaine*. Ademais, fosse neste particular ou o âmbito geral, o fato é que a coleção UNESCO d'*Œuvres Représentatives* trouxe contribuições *intellectuais*, pois facilitou o acesso a certos livros; e *financeiras*, pois ajudou a promover traduções e adquiriu montantes significativos de exemplares para larga difusão. Os títulos foram coeditados com selos de renome (Flamarion, Penguin Books, Alfred A. Knopf), embora nem sempre constasse a marca *UNESCO*, dificultando, até hoje, a feitura de pesquisas sobre a temática ou que analisam os paratextos que apresentaram seus volumes sobretudo aos públicos europeu e estadunidense.

Adicionalmente, o plano da UNESCO favoreceu o surgimento de um panteão transnacional, fortalecendo posições intelectuais e/ou de *campos* acadêmicos no interior de cada país. Até 1993, seu catálogo reuniu em torno de 900 títulos, de nomes oriundos de mais de 80 Estados membros, escritos em cerca de 100 línguas (“Collection UNESCO d’Œuvres Représentatives”. Paris, 1994. *Archives de l’UNESCO*).

Do montante total, aproximadamente 250 livros foram reeditados ou reimpressos. Um número a ser calculado de literato(a)s pouco conhecido(a)s em suas comunidades linguísticas ou nações, ingressaram no *hall* de imortais, como Yasunari Kawabata (japonês) e Ivo Andrić (iugoslavo) que receberam o prêmio Nobel após terem sido traduzidos via UNESCO. Outros agraciados com esta distinção mor, de prestígio já notório, foram, para citar apenas dois: Albert Camus (francês) e Octavio Paz (mexicano).

Afora as antologias e antecedendo Paz no catálogo d’*Œuvres Représentatives*, a série *Ibéro-Américaine* lançou livros de inúmeras autorias, reunindo, entre 1952 (início das publicações) e 1993 (limite do catálogo divulgado e com o qual estou trabalhando) alguns dos principais títulos da referida literatura. Entre eles cabe citar: *Enriquillo* (1879-1882), de Manuel de Jesús Galván (República Dominicana), em francês, no ano de 1952, pela Nagel, de Paris; *Tabaré* (1886-1888), de Juan Zorrilla de San Martín (Uruguai), em 1954, pelo mesmo selo; *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852-1854), de Antônio Manuel de Almeida (Brasil), em inglês, no ano de 1959, pela Organization of American States (OAS), de Washington; *Facundo* (1845), de Domingo

Sarmiento (Argentina), em francês, no ano de 1964, pela editora La Table Ronde, de Paris; entre outros.

Contabilizadas as repetições, trata-se ao todo de 54 volumes com autorias individuais – ênfase da pesquisa em curso – que, somados aos 11 das Antologias, representam 7,22% dos 900 textos editados até 1993. Reúnem nomes ibero-americanos em sua maior parte do sexo masculino (são 50 homens – 92,59%, e apenas 4 mulheres – 7,41%, sendo que uma delas aparece em duas ocasiões com o mesmo livro). Além disso, no recorte em destaque o catálogo foi composto por títulos cujas publicações originais se deram particularmente nos idiomas espanhol e português ao longo dos séculos XVI (1 livro – 1,85%), XVII (1 – 1,85%), XVIII (2 – 3,70%), XVIII-XIX (2 – 3,70%), XIX (15 – 27,78%), XIX-XX (6 – 11,12%) e XX (27 – 50%), observando que, juntos, o oitocentos e o novecentos reúnem mais de 88% dos volumes.

Essas publicações vieram de 12 países (60%) de 20 possíveis, a saber: República Dominicana (que inaugura a série, mas ao fim obtém somente 2 impressos incluídos na coleção, somando 3,70%), Cuba (com 1 ou 1,85%), Bolívia (também 2 ou 3,70%), Uruguai (aparece em 5 momentos ou 9,30%), Argentina (que emplaca 8 escritos ou 14,80%), Brasil (majoritário, com 18 livros ou 33,30%), Colômbia (que contém 3 impressos ou 5,55%), Chile (com 1 ou 1,85%), Venezuela (que inclui 4 ou 7,40%), Peru (idem, com 4 ou 7,40%), México (conta 5 volumes ou 9,30%) e Nicarágua (1 ou 1,85%).

Os livros provêm de 28 editoras, também por vezes em coedições, com predomínio dos selos da Nagel (7 livros), Peter Owen (5), Indiana University Press (4), A. M. Métailié (4), Pan American Union (3), Gallimard (3), Organization of American States – OAS (3), Plon (3), Institut des Hautes Études de l'Amérique latine – IHEAL (3) e outros (que somam os demais 24 títulos). Seus impressos foram postos em circulação em Paris, London, Washington, Bloomington, Graz, New York, Aix-en-Provence, Arles e Pittsburgh, totalizando apenas 9 cidades, com destaque para as capitais, especialmente a francesa que retomava o processo de reafirmação de sua centralidade como Greenwich Literário, concentrando a incrível soma majoritária de 62,59% das traduções; a inglesa, com 12,59%; e a estadunidense, com 11,12% (predomínio francófono, portanto). No conjunto, essas três regiões abarcaram 86,30% de todos os livros que surgiram entre 1952 e 1993 na série *Ibéro-Américaine* da coleção *Œuvres Représentatives*, impondo-se

como instâncias supremas para valorizar os escritores dos países de colonizações luso-castelhanas e cujos textos emergiram sobretudo do português e do espanhol, logo transladados ao francês e ao inglês nos projetos editoriais da UNESCO.

Isto posto, convém explorar, agora verticalmente, o exemplo de um dos títulos integrantes do projeto editorial e, fechando mais o compasso, da série *Ibéro-Américaine*.

Logo, passo agora a considerar o lugar ocupado por um dos livros d'*Œuvres Représentatives* entre os planos e debates do empreendimento da UNESCO; bem como analisando um *paratexto editorial* que este impresso comporta (Genette, 2009).

Por isso destacarei o caso do oitavo volume da coleção, o romance *Quincas Borba*, de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), primeiro escritor brasileiro a figurar entre os ibero-americanos selecionados. O livro traduzido do português para o francês por Alain de Acevedo foi publicado em 1955 pela editora Nagel, de Paris (Machado de Assis, 1955). Na trama, depois da morte da personagem que dá nome à obra, seu amigo Pedro Rubião, professor e filósofo, herda todos os seus bens e enriquece. Porém recebe a incumbência de cuidar do cachorro homônimo do dono falecido. Assim, ele se muda do interior de Minas Gerais – de súbito –, para a Corte do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro (cenário da narrativa publicada no século XIX e que também se passa no oitocentos), em cujo trajeto conhece o casal Cristiano e Sofia Palha. Estes lhe ajudam a se inserir naquela sociedade hierarquizada para a qual se dirigiam, mas o milionário se apaixona por ela que, junto com seu esposo, resolve tirar proveito da situação para explorar tal riqueza até que o protagonista vai parar num hospício.

Segundo especialistas do literato – cuja extensa fortuna crítica, talvez a mais vasta entre os autores brasileiros de ficção, não cabe nos limites deste texto –, teria sido exatamente em meados do século XX, quando estreava no projeto em apreço, que o nome de Machado de Assis se fixara como autoria nacional de destaque e, nos anos 1960, a figurar como uma espécie de William Shakespeare tropical (Guimarães, 2017).

Mas o processo para atingir esse patamar foi lento no tocante ao posicionamento do escritor na cena internacional, embora na quadra doméstica já fosse relativamente conhecido, tendo caído no gosto do público. No entanto, ao menos desde fins do século XIX, seu empenho pessoal em ver seus livros traduzidos esbarrava na resistência de sua editora, a Garnier, mudando isso apenas em 1902 quando *Memórias póstumas de Brás Cubas*, originalmente impresso em 1891, surgiu em espanhol na capital uruguaia,

Montevidéo. Na continuidade veio *Esauí e Jacó*, publicado em 1904 e cuja tradução apareceu logo na sequência, saindo no ano seguinte – 1905 – no mesmo idioma, mas em Buenos Aires, na Argentina. Segundo estudiosos, porém, é só por meio dos circuitos franceses que o autor brasileiro iria receber uma visibilidade decisiva. Os gestos nesse sentido foram iniciados, por exemplo, com a *Fête de l'Intellectualité Brésilienne*, realizada em 3 de abril de 1909 no anfiteatro *Richelieu* da *Sorbonne*, para homenagear Joaquim Maria Machado de Assis sob a organização da *Société des Études Portugaises* de Paris. Esta recebeu auxílio, entre outras instituições, da *Mission Brésilienne de Propagande* e teve, entre seus palestrantes e/ou leitores de poemas traduzidos, nomes como os de Anatole France (1844-1924), Victor Orban (1868-1946) e Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), então Ministro do Brasil em Bruxelas, na Bélgica (Staut, 1989).

A configuração social dessa proximidade se deu no exato momento posterior ao término do conflito franco-prussiano, em 1870, quando a França, vencida pelo império germânico, achava-se um tanto isolada no continente, face, igualmente, à expansão e domínio britânico sobre a África. Dessa forma, a América Latina – apesar da política da boa vizinhança estadunidense – era vista como possibilidade de estreitamento de laços. Daí também o fomento de sentimentos de parentesco – a começar pela valorização da língua francesa, apresentada como idioma das trocas culturais por excelência da latinidade –, buscando se vincular aos países do ultramar. Ademais, iniciativas como a festa parisiense estimularam a entrada dos escritos machadianos em território hexagonal ao mesmo tempo em que caracterizava o autor brasileiro como afrancesado e pouco exótico. Isso se deu inicialmente com o título de *Quelques contes*, traduzido pela Garnier, em 1910, avançando depois para livros mais conhecidos, a exemplo de *Mémoires posthumes de Brás Cubas*, no ano seguinte pela mesma casa editorial (Staut, 1989).

Contudo, apesar desses movimentos, Machado de Assis manteve-se desconhecido do público estrangeiro cujas tendências pendiam a temas estereotipados (como o carnaval, os trópicos, a Amazônia etc.), ainda que o escritor carioca tivesse ingressado ao menos no âmbito universitário do exterior, em geral, e francês, em particular, como referência incontornável nas cadeiras de Literatura Brasileira. Essa situação começou a mudar no imediato pós-Segunda Guerra, quando emergiu a busca pelo conhecimento do

outro que fez crescer o *latinoamericanismo propriamente francês*, concentrado em Paris. Isso se deu mediante a emergência de uma rede de espaços destinados a refletir sobre a latinidade, visando coletar informações para o estímulo de pesquisas nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, como provam as fundações da *Maison de l'Amérique Latine*, inaugurada no ano de 1945; da *Union Latine*, em 1954; e do citado IHEAL, neste mesmo último ano junto à Sorbonne Nouvelle etc. (Huerta apud Guerrero, 2018).

Com efeito, as trocas franco-brasileiras se aprofundaram, sendo vários os estudos que já demonstraram a presença de intelectuais como Georges Dumas (1866-1946), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Fernand Braudel (1902-1985), Pierre Monbeig (1908-1987), Roger Bastide (1898-1974) e tantos outros que atuaram na Universidade de São Paulo (USP), via docência e/ou auxiliando na estruturação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) desde 1934 (Massi, 1989).

A partir dessas questões e balizas que se formalizaram em papel e tinta as primeiras análises deste último, Bastide, sobre o legado machadiano. Numa de suas incursões, em artigo publicado na terceira fase da *Revista do Brasil*, no mês de novembro de 1940, ele avaliou – contrariando a crítica dominante – que não faltavam descrições de um país tropical ou da natureza nos textos do escritor carioca. Segundo o argumento desenvolvido por Bastide, a predileção de Machado de Assis por gêneros curtos lhe impedira de consagrar em sua obra trechos longos a esse respeito. Nas mesmas páginas, Roger Bastide enfatizou o clima no qual a vida do autor transcorreu e, conseqüentemente, o ambiente de suas criações literárias. Para tanto, enquadrou-o junto à interpretação veiculada pelo livro *Sobrados e mucambos*, de Gilberto Freyre (1900-1987), impresso pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, em 1936. Isso porque esse título aborda as mudanças da estrutura social operadas no decorrer da época imperial brasileira com o declínio da arquitetura das casas-grandes com toda a sua autonomia e isolamento – na solidão dos canaviais – *vis-à-vis* ao avanço dos processos de urbanização com o crescimento das cidades, marcado por suas novas experiências, ou seja: o prazer das conversas. Assim, embora Bastide não classifique os escritos machadianos como tributários desse primeiro instante de queda paulatina do patriarcalismo, também não o liga ao Romantismo, antes atando-o ao Naturalismo. Por tais caminhos Roger Bastide foi taxativo: a narrativa das paisagens não se ausenta em Machado de Assis. Acha-se, isto sim, misturada às personagens, pois o autor teria

buscado mesclar carne e sensibilidade nos heróis de suas ficções, em um processo que custou a se firmar em suas letras (Bastide, 1940 / 2006).

A perenidade interpretativa dessa análise teve grandes repercussões e, de acordo com especialistas, impactaram entre os que foram seus alunos na FFCL-USP, sobretudo no caso de dois que viriam a se tornar os maiores críticos literários do Brasil, a saber: Antonio Candido (1918-2017) e Roberto Schwarz (1938-...) (Jackson, 2003).

Seja como for, o fato é que, 15 anos após esse artigo na *Revista do Brasil*, o mesmo Roger Bastide, introdutor da tradução do livro *Quincas Borba* ao público francófono, manteve, em 1955, as linhas mestras de sua análise. Ele anotou, por exemplo, que a obra de Machado de Assis se inseria no clima de decadência do patriarcado na sociedade monárquica do Brasil de fins do século XIX. Dito isso, registrou os elementos básicos do escritor – como o nascimento em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, mestiço filho de pai que pintava edificações como ofício e de mãe doméstica –, e sintetizou o percurso do garoto à fase adulta, quando este trabalhou para o principal editor do Império, Francisco de Paula Brito (1809-1861), até se tornar funcionário público e romancista. Para destacá-lo aos novos leitores em potencial, Bastide o considerou como um divisor de águas na cena doméstica, entre o Romantismo e o Naturalismo, já recuando um pouco da avaliação de 1940, pois afirmou que os usos de frases curtas combatiam o viés oratório. Alertou, porém, que a história literária brasileira (entre o *Barroco* do século XVII e o *Modernismo* do XX) não dispunha de um período ao qual se poderia chamar de *Clássico*. Entretanto, se fosse possível caracterizar uma *Era* só com um integrante e se esta fosse descrita pela economia de meios e pelo pudor – conforme definição de André Gide –, este seria, nos dizeres da *Introduction*, Machado de Assis. Com efeito, o sociólogo não deixou de registrar ter sido o escritor carioca a peça-chave na fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897, estando na Presidência dela quando de sua morte cerca de 11 anos depois, em 29 de setembro de 1908 (Bastide, 1955).

Através desses termos, Bastide o situava como símbolo literário da nacionalidade, fazendo paralelos entre seus escritos e a produção europeia, mas preservando suas marcas de estilo nativista que caracterizava o humor, os traços psicológicos das personagens e a busca de diálogos com o público (Bastide, 1955). Voltando a defender o caráter paisagista da narrativa machadiana que aliava a natureza ao perfil de suas

personagens, o sociólogo defendeu sua descrição como não apegada a molduras e responsável por abolir todas as distâncias entre seus heróis e o pano de fundo por meio do qual se forjavam os enredos. Em *Quincas Borba*, por exemplo, o romance urbano ou psicológico – como preferirem, destacou Roger Bastide – o ritmo do mar e a música das noites cariocas impunham sua presença de forma tão avassaladora na narrativa, tornando-a um drama num só tempo noturno e marinho. Ademais, seguiu a avaliação corrente do escritor junto à crítica preexistente em Paris, ou seja: embora partisse de um furor latino-americanista, não acentuou essa característica, dando preferência ao fato de Machado de Assis ter saído da arraia miúda brasileira, em uma época de transformações de um mundo com predomínio rural e já às portas do desenvolvimento das cidades, que se tornou o mestre de sua Literatura. Por si só, tais aspectos servem para compreender o potencial agregador que *Quincas Borba* possuía e/ou que buscaram incutir ao impresso em 1955, a despeito da distância que separava a sua aparição original – primeiro como folhetim, na revista *A Estação*, a partir de 1886, seguido da edição pela Garnier, em 1891 – e a cena pós-1945.

À época de seu lançamento em Paris, no ano de 1955, o romance se encontrava em sua sétima edição em língua portuguesa (as cinco iniciais pela Garnier, em 1891, 1896, 1899, 1923 e 1926; a seguinte pela Jackson, em 1937, e a última pelo Clube do Livro, em 1944). No exterior, já tinha sido traduzido para o italiano (pela casa Alberto Corticelli Editore, de Milano, em 1930), o espanhol (pela Emecê, de Buenos Aires, em 1947) e o inglês (pela W. H. Allen, de London; e pela Nooday Press, de New York, ambas surgidas em 1954) (“Catálogo da *Exposição Comemorativa do Sexagésimo Aniversário do Falecimento de Joaquim Maria Machado de Assis, 29-IX-1908 – 29-IX-1968*. Biblioteca Nacional (BN). Divisão de Publicações e Divulgação”, Rio de Janeiro, 1968: 21-22).

Bastide, seu introdutor, nasceu em Nîmes, na França, em abril de 1898 (Amaral, 2010). Filho de pai e mãe professores primários, foi criado em uma família protestante. Estudou em sua cidade natal, bem como, depois, no *Lycée Lakanal*, em Sceaux, e no *Centre d'Études Supérieures de Strasbourg*, preparando-se para a *École Normale Supérieure*. Entretanto, não tendo sido aprovado no exame para esta instituição, acabou estudando Filosofia na Faculdade de Bordeaux, cujo currículo fora ineditamente integrado à Sociologia, a partir de 1887. Assim, em 1923 ele se formou nesta última

área e deu início à carreira no ensino secundário que duraria até a sua vinda para o Brasil, no ano de 1938. Deste período até 1944 ele permaneceu no país sul-americano como sociólogo e docente na USP, que, naquela época, tinha acabado de ser inaugurada (Venancio; Furtado, 2021). Até àquele momento, seus principais trabalhos tinham sido: *Psicanálise do cafuné. Estudos de sociologia estética* (Curitiba: Guaíra, 1941); *Imagens do nordeste místico em branco e preto* (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945); *Poetas do Brasil* (Curitiba: Guaíra, 1946); e *Sociologie et psychanalyse* (Paris: PUF, 1950).

Nos instantes finais de sua estadia no Brasil, Roger Bastide se aproximou de Gilberto Freyre, do qual seria o tradutor de *Casa-grande & senzala* para a editora Gallimard, com texto publicado em 1952, impresso como *Maitres et esclaves* e prefaciado por Lucien Febvre (1878-1956) (Freyre, 1952). Tal livro se insere no mesmo cenário debatido e, no conjunto da obra freyriana – especialmente o título de *Sobrados e mucambos* –, mostrava a mesma interpretação da decadência do patriarcado brasileiro no qual Bastide viria a alocar a vida e a obra de Machado de Assis (Venancio; Furtado, 2021). Isso revela, portanto, a centralidade de uma referência oriunda da periferia dos sistemas literário e científico, mas já relativamente internacionalizada como argumento de autoridade para explicar o país no exterior. Logo, tal chave-interpretativa servia para analisar e apresentar outro autor latino-americano ao público europeu, em geral, e francês, em particular. Dessa forma, pode-se dizer que *Quincas Borba* chegava a Paris, intermediado pela leitura de Roger Bastide que o avaliou sob ótica de Gilberto Freyre.

O estudo aqui traçado tem promovido a crítica ao *nacionalismo metodológico* para interrogar o exclusivismo do Estado-Nação como unidade de pesquisa, evitando obstruir nexos internacionais, pois a circulação de ideias não possui limites rígidos e tampouco os campos literários cerram tudo dentro de suas fronteiras (Sapiro, 2013). Afinal, esse trânsito é feito de fluxos contínuos e multilaterais, embora também dependa de fatores como exílios ou migrações e de equilíbrios de poderes econômico-linguísticos reunidos por modelos que se impõem como regra (Bourdieu, 2002).

Sem ignorar o papel estatal, cabe destacar que os cânones literários nacionais se estruturam na diferença e na busca por singularidades que, via de regra, surgem na distinção face ao exterior e cujo espaço ou posições dependem da maior proximidade com um polo dominante, ou seja, aquele que possui maior volume de *capital* (Bourdieu,

2007) acumulado e, por isso, mantêm-se como Greenwich. Este crédito e espaço são marcados pela crença no valor das narrativas e contabilizado mediante as traduções que até atribuem nomes a idiomas, tal como a língua de Miguel de Cervantes ou a de Shakespeare.

A propósito de autorias da quadra ibero-americana, vale sublinhar que os métodos empregados para o mapeamento e a análise de sua presença no catálogo da coleção UNESCO precisam cruzar esses dados com o conjunto de prêmios por ventura recebidos por seus representantes. Tais lauréis servem para notar se essas literaturas foram recebidas como universalistas e/ou particulares em relação a outras tradições. No tocante ao Nobel, por exemplo, após a emergência do programa UNESCO d'*Œuvres Représentatives*, foram cinco o total de latino-americanos agraciados, a saber: Miguel Ángel Asturias (Guatemala, 1967), Pablo Neruda (Chile, 1971), Gabriel García Márquez (Colômbia, 1982), Octavio Paz (México, 1990) e Mario Vargas Llosa (Peru, 2010), embora, até 1993 – recorte que tenho analisado –, somente o penúltimo tenha sido editado junto ao projeto.

Questionamentos à parte, na opinião do próprio Paz, o “negócio” se passa(va) mais ou menos assim: “para que uma obra [fosse] considerada entre nós, deveria contar antes com a bênção de Londres, Nova York ou Paris” (Paz *apud* Retamar, 1979: 334). Ademais, caso não se tratasse disso, como justificar o fato segundo o qual o escritor latino-americano melhor colocado entre os cinquenta primeiros, no *ranking* atual do *Index Translationum*, é o colombiano García Márquez situado apenas na quadragésima nona posição entre os mais traduzidos? (*Index Translationum*).

Alguns estudos mostram que pesam nesses cálculos o sucesso de, no mínimo, duas publicações avaliadas como obras-primas (Milo, 1984). Até porque o êxito de vendas não é sinônimo de valorização na crítica, pois muitas vezes os medidores citados se excluem mutuamente. Importa a proximidade com o Greenwich Literário e a lenta acumulação de *capital simbólico*, adquirido no terreno de uma recepção legítima e que pode transformar um livro em referência internacional ou até mesmo em um *clássico* (Sapiro, 2002).

Portanto, esta pesquisa se inseriu nas perspectivas da História do Livro, da Edição e da Leitura, buscando estimular investigações acerca de temas como: produção, autoria, circulação e quadros receptivos de objetos impressos, sobretudo a respeito da

literatura *Ibéro-Américaine* a nível global. Nesta que se revelou uma utopia da UNESCO, a saber: promover a paz entre os povos mediante a difusão mútua de suas culturas, havia qualquer coisa da fraseologia do *Credo ut Intelligam*. Tal expressão, ao sintetizar a doutrina de Santo Anselmo (1033-1109), pregava que a maior fonte do conhecimento, teológico ou filosófico – e aqui acrescento o literário – era e só poderia ser a fé. Logo, o mundo pós-1945 precisava *crer* no valor das letras ibero-americanas para *compreender* a presença delas nas vitrines do Greenwich Literário no cenário do pós-Auschwitz.

Bibliografia

- Actes de la Conférence Générale. Première Session (Paris, 1946). *Archives de l'UNESCO*.
- . Troisième Session (Beirute, 1948). *Archives de l'UNESCO*.
- Amaral, Glória Carneiro do. *Navette literária França-Brasil*. SP: Edusp, 2010.
- Bastide, Roger. Introduction. In: Machado de Assis, Joaquim Maria (Brésil). *Quincas Borba*. Roman traduit du portugais par Alain de Acevedo. Paris: Nagel, 1955.
- . Machado de Assis, paisagista [1940]. *Teresa – Revista de Literatura Brasileira*, n. 6, v. 7, São Paulo, p. 418-428, 2006.
- Bourdieu, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 145, p. 3-8, 2002.
- . *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: Ed.Unesp, 2004.
- . *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Catálogo da *Exposição Comemorativa do Sexagésimo Aniversário do Falecimento de Joaquim Maria Machado de Assis (29-IX-1908 – 29-IX-1968)*. Biblioteca Nacional (BN). Divisão de Publicações e Divulgação, Rio de Janeiro, 1968.
- Collection UNESCO d'Œuvres Représentatives. Paris, 1994. *Archives de l'UNESCO*.
- Comité d'Experts sur la Traduction des Grandes Œuvres – Rapport Complémentaire sur les Traductions. PHS / Conf. 1 / 2. Paris, 12 mai 1948. *Archives de l'UNESCO*.
- Freyre, Gilberto. *Maitres et esclaves*. Paris: Gallimard, 1952.
- Furtado, André. *Das fortunas críticas e apropriações ou Sérgio Buarque de Holanda, historiador desterrado*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2018.
- Genette, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- Guerrero, Gustavo. La Croix du Sud (1945-1970): génesis y contextos de la primera colección francesa de literatura latinoamericana. In: Müller, Gesine; Locane, Jorge; Loy, Benjamin (orgs.). *Re-mapping world literature*. Berlin / Boston: De Gruyter, 2018.
- Guimarães, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: Unesp, 2017.
- Hobsbawm, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Index Translationum* (UNESCO).

- Jackson, Luiz Carlos. Perspectivas sociológicas sobre Machado de Assis. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, v. 1, p. 71-88, 2003.
- Klengel, Susanne. El derecho a la literatura (mundial y traducida). Sobre el sueño translatólogo de la UNESCO. In: Müller, Gesine; Locane, Jorge; Loy, Benjamin (orgs.). *Re-mapping world literature*. Berlin / Boston: De Gruyter, 2018.
- Lowe, Keith. *Continente selvagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- Machado de Assis, Joaquim Maria (Brasil). *Quincas Borba*. Paris: Nagel, 1955.
- Manning, Molly Guptill. *Quando os livros foram à guerra*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- Massi, Fernanda. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras, 1930-1960. In: Miceli, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil* (v. 1). São Paulo: Vértice / Finep / Idesp, 1989.
- Milo, Daniel. La bourse mondiale de la traduction: un baromètre culturel? *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, 39^e année, n. 1, p. 92-115, 1984.
- Plan de Traductions – Questionnaire. PHS / 5. Paris, le 5 juillet 1948. *Archives de l'UNESCO*.
- Programme de Traduction de l'UNESCO – A) Collection d'Œuvres Représentatives. ALT / 865. Paris, le 1er juillet 1956. *Archives de l'UNESCO*.
- . ALT / 1474. Paris, le 30 juillet 1959. *Archives de l'UNESCO*.
- Resolutions de la Conférence Générale. Deuxième Session (México, 1947). *Archives de l'UNESCO*.
- Retamar, Roberto Fernández. Intercomunicação e nova literatura. In: Fernández Moreno, César (coord.). *América Latina em sua literatura*. SP: Perspectiva, 1979.
- Sapiro, Gisèle. L'importation de la littérature hébraïque en France. Entre communautarisme et universalisme. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 144, p. 80-98, 2002.
- . Le champ est-il national? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l'histoire globale. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, v. 200, p. 70-85, 2013.
- Staut, Lea Mara Valesi. Machado de Assis na França. *Travessia*, Florianópolis, n. 16, 17, 18, p. 279-290, 1989.
- Traduction des Classiques Mondiaux. Paris, 1/7/1947. *Archives de l'UNESCO*.
- Venancio, Giselle; Furtado, André. *Mestiça cientificidade: três leitores franceses de Gilberto Freyre e a sua máxima consagração no exterior*. Niterói: Eduff, 2021.